

Rupturas e continuidades na preservação do patrimônio cultural internacional: uma entrevista com Peter Burke

Ruptures and continuities in the preservation of international cultural heritage: an interview with Peter Burke

Rupturas y continuidades en la preservación del patrimonio cultural internacional: una entrevista con Peter Burke

Rodrigo Christofoletti*

<https://orcid.org/0000-0002-6346-6890>

Maria Leonor Botelho**

<http://orcid.org/0000-0002-2981-0694>

Como citar esta entrevista:

Christofoletti, Rodrigo; Botelho, Maria Leonor. “Rupturas e continuidades na preservação do patrimônio cultural internacional: uma entrevista com Peter Burke”. *Locus: Revista de História*, 26, n. 2 (2020): 506-514.

* Professor de Patrimônio Cultural no curso de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e com atuação no Programa de Pós-Graduação em História. Conselheiro da COMPPAC - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico de Juiz de Fora. Líder do grupo de pesquisa Patrimônio e Relações Internacionais (CNPq). Colaborador do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (CITCEM) da Universidade de Letras do Porto (ULP). Doutor em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Atua na interface entre a História e as Relações Internacionais com foco no patrimônio cultural.
E-mail: r.christofoletti@uol.com.br

** Professora Auxiliar do Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Diretora do Curso de Mestrado em História da Arte, Patrimônio e Cultura Visual. É investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (CITCEM/FLUP). Com a Prof. Lúcia Rosas e o Prof. Mário Barroca, coordena a Enciclopédia do Românico em Portugal (2018-2021), no âmbito do protocolo de colaboração celebrado entre a FLUP e a Fundación Santa María la Real del Patrimonio Histórico, un Proyecto desde Castilla y Leon. Os seus interesses de investigação são a gestão do património, o património mundial, o *digital heritage*, a história urbana e a historiografia da arquitetura da época românica. E-mail: mlbotelho@letras.up.pt

Na historiografia produzida sobre a História Cultural ele é um de seus maiores expoentes. Nas últimas duas ou três décadas, qualquer pessoa que tenha se graduado em História, ou se motivado a compreender a história da cultura, certamente conhece o nosso entrevistado. Seu nome acabou se tornando um sinônimo de rigor e versatilidade. O professor emérito da Universidade de Cambridge, Inglaterra, Peter Burke, interrompeu gentilmente sua rotina no Reino Unido para conversar conosco sobre o impacto que o tema desse Dossiê traz à contemporaneidade. Passeou por temas complexos que ajudam a compreender o papel do historiador do presente diante dos domínios do patrimônio cultural e das relações internacionais.

O historiador que ajudou a popularizar a história da cultura entre os pares, é hoje, um dos intelectuais estrangeiros mais conhecidos no Brasil e nos países de língua portuguesa, em função de sua produção editorial, quase toda traduzida para o português. Especialista em várias frentes, que vão desde o Renascimento e as Monarquias Absolutas, até a história das ideias e da Cultura, pendula entre a história moderna europeia e a compreensão do tempo presente, aliando boa verve e argúcia. Burke aceitou o desafio de discutir um tema no qual afirma ser apenas um “observador curioso”. Sua produção historiográfica permanece como uma relevante contribuição, capaz de lidar com amplos e diversificados interesses.

Historiador que interroga seu tempo, sem jamais perder o lastro histórico que o consagrou, Burke foi generoso e comedido, perfil próprio dos grandes intelectuais. Na altivez dos seus 83 anos, continua ativo, sobretudo nesse período de quarentena, em que nos confidenciou ter mais tempo para escrever e pesquisar. Entre rápidos passeios no parque vizinho à sua casa e as intermináveis horas à frente de livros, anotações e de seu computador, encontrou tempo para registrar uma série de impressões autorais.

Esta entrevista sintetiza tópicos gerais discutidos ao longo deste dossiê e, embora, nosso entrevistado advirta ser esta uma narrativa de um não especialista, a precisão de suas observações nos ajuda a entender questões subjacentes às entrelinhas do patrimônio cultural em tempos de transição. Diante desta nova era, frente às incógnitas de um tempo em pandemia, perguntas e respostas, muitas vezes se confundem numa dada narrativa comum.

Como será o futuro da preservação do patrimônio em âmbito internacional? Como buscar a compreensão diante desse frenesi estroboscópico que virou o tempo presente? Perguntas como essas, subjacentes às realizadas nesta entrevista motivaram Peter Burke a elaborar possíveis sinalizações.

O resultado dessa conversa o leitor tem agora em mãos.

Boa leitura.

- **Devido ao seu caráter de “novidade temática”, existem poucos estudos sistematizados no campo da interseção entre patrimônio e relações internacionais, e atualmente não há consenso sobre sua definição. Em um cenário mundial interconectado pelo fluxo de informações, esse tema se apresenta como um dos domínios a serem debatidos. Como você vê a crescente preocupação com a preservação do patrimônio como chave para a manutenção da tradição em tempos que se movem entre o esquecimento generalizado e a superprodução de memórias?**

Concordo com você que precisamos explicar a ascensão do patrimônio (local, nacional, global, institucionalizado em museus, livros, cursos e fundações). Penso que isso é uma resposta à aceleração da mudança social, fazendo com que até mesmo as pessoas que ficam em casa se sintam desenraizadas à medida que envelhecem, e também da migração (percebida como uma ameaça às tradições locais e nacionais).

- **O registro e as notícias de catástrofes relatadas recentemente, como os incêndios do Museu Nacional do Rio de Janeiro ou da Catedral de Notre Dame em Paris ou as inundações em Veneza, bem como as ações iconoclasticas realizadas em Bamiyan ou Mossul, deram um novo lugar ao *Heritage* na escala das relações internacionais. Como podemos pensar em questões de identidade e memória quando a herança é destruída em caso de conflito ou desastre (natural)? Como você vê a onda de destruição registrada nos últimos anos e como a sociedade e a academia podem agir para conter ou minimizar esses danos?**

Antes de tudo, eu distinguiria entre destruição deliberada (Mosul) e acidental (Rio de Janeiro e Veneza), tendo em mente que o governo brasileiro, por exemplo, foi responsável pelo não direcionamento de dinheiro para a conservação do museu - um caso de negligência culposa. A destruição deliberada não é nova, Da'esh segue uma longa tradição de iconoclastia, quebrando imagens que são percebidas como ídolos. Paradoxalmente, a tradição opõe-se a outras tradições - venerando imagens, venerando líderes políticos (como Louis XIV, Stalin, Lenin, Saddam, Franco etc.) ou exibindo representações de mulheres nuas em público (na era das sufragistas, uma feminista atacou uma pintura de Velásquez na Galeria Nacional de Londres). A defesa contra o iconoclasmo nos museus é ter guardas ou câmeras nas salas e proteger alguns itens com vidro à prova de balas, como no caso de dois ícones famosos, a Mona Lisa e a Virgem de Guadalupe (em ambos os casos, após ataques malsucedidos terem ocorrido).

- **Ou, assumindo outra perspectiva (mais provocativa, talvez), como podemos entender esses eventos, que assistimos “ao vivo”, à luz da história da arte e dos estudos patrimoniais, quando sabemos que os primeiros registros de destruição intencional remontam a Antiguidade? Somos nós, a sociedade dos tempos atuais, os que procuram adicionar novas camadas a esses eventos?**

Sim, mas o ‘nós’ é apenas um grupo, provavelmente (e espero) um grupo pequeno, que tem sucesso pela surpresa, uma surpresa que é cada vez mais substituída pela cautela.

- **Como o novo século se mostra, a exploração das relações de poder revela novos atores, locais e representações. Considerando a compreensão do mundo contemporâneo entre “práticas e representações”, que exemplos de *soft power* você pode citar que poderiam compreender uma ampliação tão grande da radiografia das relações de poder? O patrimônio (acima de tudo, o reconhecido como “patrimônio mundial”) é forte o suficiente para ser o combustível da mudança social e política?**

A resposta óbvia à sua primeira pergunta sobre o *soft power* é o novo meio da Internet, que levou a novas práticas, se tornando online, e novas formas de representação, especialmente em mídias sociais como o *Facebook*. Uma novidade óbvia é a resposta rápida dos espectadores que “dão *like*” ou *dislike* no que veem. Nada disso precisa ser político, mas os políticos e seus conselheiros, bem como os magnatas da mídia, estão cientes das novas oportunidades de influenciar eleições, distribuir notícias falsas, etc. Quanto à segunda pergunta, parece paradoxal ver o patrimônio como força (ou mesmo combustível) de mudança. Eu vejo o patrimônio como parte da resistência à mudança ou, quando isso falha, uma compensação psicológica por mudanças que são vistas como perdas - de prédios antigos, costumes, músicas etc.

- **O patrimônio cultural tornou-se um ator cada vez mais importante no diálogo multilateral e, como tal, faz parte da ampliação das ações no domínio das relações internacionais. Daí vêm outros objetos de estudo, apenas em pequena medida incorporados até agora no tópico, como a crescente presença de temas que abordam “africanidades”, “asiáticas”, “latinidades” e “orientalismos” (ainda pouco explorados). Como você vê esse processo?**

Fico feliz em ver um crescente interesse no estudo de diferentes culturas, mas descontente com sua reificação e aproveitamento para apoiar nacionalismos e supernacionalismos (para não dizer racismos). Espero que os estudos ajudem a minar os “ismos”, embora não pareçam estar fazendo isso no momento. Veja o caso da reputação de Gilberto Freyre no Brasil. Nos anos 30, ele foi atacado por brasileiros brancos por sugerir que a miscigenação não era algo ruim. Agora ele é atacado por brasileiros negros pela mesma razão!

- **Como você vê a dicotomia local/global na preservação de locais de patrimônio mundial? Que exemplos podem ser dados entre a globalização do patrimônio e a necessidade de preservação local? Qual é a hierarquia que devemos assumir quando defendemos e comunicamos a herança?**

Os locais são locais por definição, embora organizações globais, como a UNESCO, possam ajudar a preservá-los. O que é problemático, além do impacto do turismo, é selecionar o que preservar e decidir quanto restaurar (as muralhas de Carcassonne são agora um monumento não muito da idade média, quando for originalmente construídas, mas mais ao estilo das ideias de restauração do século XIX!)

- **Turismo é terrorismo. A frase escrita na parede ao lado da Ponte Vecchio, em Florença, Itália, registrada em janeiro deste ano, representa uma percepção muito crítica da exploração turística predatória de locais que sofreram seu impacto negativo. Como você vê o binômio turismo/ patrimônio mundial e como, em sua opinião, nos comportamos recentemente em relação a esse assunto?**

Entendo a raiva por trás do grafite, mas acho que é melhor abordar o problema sem moralizar. Os turistas não são maus, alguns deles têm um desejo genuíno por conhecimento e novas experiências e não desejam perturbar os habitantes locais. O verdadeiro problema é sua quantidade e a inevitável destruição, pelo turismo, dos objetos do turismo. Há meio século, Daniel Boorstin citou o exemplo da casa de Washington e a danificação da escada depois que tantos visitantes subiram e desceram. O racionamento de visitas é uma solução parcial, bem como guiar (como no caso dos afrescos de Giotto na capela Scrovegni em Pádua, onde os turistas esperam em uma antessala para serem ‘purificados’, de modo que seu suor não danifique as pinturas). Mas temos que aceitar que os artefatos serão danificados. Eles sobreviveriam por mais tempo se ninguém os visitasse, mas nesse caso, por que mantê-los?

- **Que lugar você vê para os locais de Patrimônio Mundial diante da turistificação? E como devemos administrar o aumento do número de locais inscritos na Lista do Patrimônio Mundial (atualmente, 1121)? Essa disposição por parte dos Estados Membros de obter a marca UNESCO pode não apenas ser um risco para a gestão do patrimônio em escala internacional, mas também nacional e, finalmente, local?**

O aumento pode fazer parte da solução, além de criar novos problemas - tornando os turistas menos presentes, além de se buscar identificar e, na medida do possível, reparar os danos.

- **Há exatamente dez anos, em coluna do jornal Folha de S. Paulo, o senhor escreveu um texto intitulado Caça ao Tesouro, no qual delineou seu entendimento sobre a repatriação de objetos históricos. Nesse texto, o senhor afirmou que a repatriação pode fragmentar o acervo de grandes museus e empobrecer o mundo. O aumento dos pedidos de repatriação ocorre em um momento em que cresce a preocupação da UNESCO, dos governos nacionais, dos museus e da população em geral sobre o que hoje é conhecido como “patrimônio cultural”. No texto, você faz perguntas importantes: Cada objeto de patrimônio cultural que foi retirado de seu ambiente**
-

original no passado - seja doado, comprado ou roubado - deve ser devolvido? Em caso afirmativo, a quem deve ser devolvido? Os países modernos têm direito de propriedade sobre algo que foi produzido no passado em um território que agora é deles? Essas questões permanecem altamente controversas, envolvendo governos, museus, advogados e marchands. Segundo o texto, o mundo empobreceria se tudo fosse devolvido. Para você, alguns objetos devem ser devolvidos, mas não todos. Imensas coleções internacionais, como a do Museu Britânico e do Louvre, não devem ser fragmentadas. Qual é a sua opinião atual sobre o assunto? Como você vê a relação entre o tráfico ilícito de bens culturais e museus?

Continuo a ver os dois lados nas questões. De um lado, o desenraizamento dos artefatos de seu contexto original (ponto já levantado por Quatremere de Quincy em 1815), transportando-os de um lugar onde são compreendidos e venerados para um onde são só mais um dentre tantos. Some a isso o armazenamento de muitos itens nos porões dos museus, onde praticamente ninguém os vê, exceto curadores e restauradores. Por outro lado, o fato positivo de alguns grandes museus em grandes cidades que expõem muitos tipos de artefatos para vários tipos de pessoas - turistas e crianças em idade escolar, bem como o público em geral - mantendo-os (relativamente) seguros e contratando uma equipe profissional para catalogar, conservar, explicar o que está ali. Esse compromisso é fundamental e possível. Alguns artefatos são tão essenciais para a identidade de um povo que deveriam ser repatriados, conforme os dinamarqueses que devolveram os manuscritos das sagas à Islândia (eu incluiria os mármores de Elgin aqui!). Outros não são essenciais - não vejo por que o Governo britânico proíbe que sejam levados para fora itens do chamado patrimônio nacional, como pinturas italianas trazidas por “turistas” (aristocratas no Grand Tour) como souvenirs. O importante, em qualquer caso, é dar aos artefatos um lar seguro e torná-los acessíveis ao público. Os museus, como as salas de leilão, são responsáveis por investigar a proveniência dos objetos que adquirem ou ajudam a vender. Não estou em posição de dizer quais agem ou negligenciam essa responsabilidade.

- **Em 2020, comemoramos o 75º aniversário da libertação dos campos de concentração de Auschwitz-Birkenau. Novamente, o binômio dor/esquecimento e memória/reparação que são reeditados de tempos em tempos em nossa sociedade, voltam à superfície. Quem visita a musealização construída nos campos de concentração da narrativa do Holocausto se pergunta quais memórias e histórias são efetivamente preservadas em lugares como esses. Em Bark, o historiador francês Georges Didi-Huberman se pergunta em que medida a peregrinação catártica dos visitantes desses locais, agora reconhecidos como patrimônio mundial, ajuda na perpetuação das mensagens contidas em seu patrimônio material. Qual a sua opinião sobre o uso de lugares considerados traumáticos, como Auschwitz, Hiroshima ou o Cais do Valongo, para a preservação de patrimônios mundiais?**

O patrimônio cultural do mundo inclui a memória e a história de muitos eventos traumáticos. ‘Para que não esqueçamos’, a exibição de relíquias desses eventos nos museus oferece um tipo de educação para todos nós, não apenas os descendentes das partes envolvidas (judeus, alemães, mas também hindus, muçulmanos ou sérvios, bósnios etc.)

- **Pessoas tirando selfies em frente ao campo de concentração de Birkenau, ou mesmo dentro do crematório exposto no local, postam suas fotos com palavras absolutamente desprovidas de consciência histórica. É o “piquenique da inconsciência”, que nos alerta que, em relação ao Holocausto e aos crimes nazistas, existe não apenas o perigo do negacionismo, mas também da banalização. O que podemos aprender com esse comportamento?**

Há a necessidade de uma melhor educação. Uma antecâmara (como em Pádua) pode ser uma ideia - uma espera obrigatória de 5 minutos em uma sala com lugares sentados e um panfleto em cada assento, explicando o que está sendo comemorado. Acredito que o Museu Yad Vashem em Israel incentiva cada visitante a se identificar com uma vítima em particular e a descobrir sobre ela.

- **A massificação do patrimônio, devido ao desejo de conhecer os lugares com a marca da UNESCO, levou a perguntar o que podemos chamar de “comercialização do patrimônio”, que conseqüentemente resulta no esvaziamento de seu significado. Que papel os vários atores em nível internacional (e local) devem desempenhar para reverter essa situação? Como podemos transformar locais de patrimônio em locais de construção de conhecimento? Como podemos torná-los fisicamente e intelectualmente acessíveis?**

Para combater a comercialização e a disneyficação, os locais do patrimônio devem ser administrados por órgãos sem fins lucrativos, com o objetivo de informar e educar os visitantes (nativos ou estrangeiros, adultos ou crianças). Isso já acontece em muitos lugares. Pode ser divertido, como no caso do Jorvik Viking Center em York, onde a ambientação atinge o nariz, os olhos e ouvidos dos visitantes!

- **Até que ponto isso pode levar à “despatrimonialização” dos lugares? Já estamos caminhando para um tempo de “pós-patrimônio”? Quais são as novas partes interessadas em um contexto pós-patrimonial? Que instrumentos podemos usar para criar e salvaguardar novos patrimônios em tal contexto?**

Não posso responder às perguntas, a menos que você defina os termos entre aspas. Eles me fazem pensar no movimento futurista na Itália, a esperança de destruir museus pelo bem do futuro, um empreendimento fracassado que leva ao paradoxo de que agora existem museus de

futurismo! Mas a irresistível ascensão de novos itens do patrimônio (como novos eventos exigem comemoração e itens do cotidiano se tornam obsoletos) representa um problema para os gestores do patrimônio, análogo ao surgimento de novos livros no caso de bibliotecários!

- **A frase: “Hoje sabemos cada vez mais sobre cada vez menos e cada vez menos sobre cada vez mais” parece resumir o universo da preservação do patrimônio. Apreciar e preservar são verbos cotidianos em um tempo que sofre os efeitos de uma espécie de “inflação patrimonial”. Como o historiador do presente pode entender essa realidade pendular?**

Essa linha resume muito mais do que o miniuniverso da preservação do patrimônio! Não é difícil de entender, mas é um problema para todos nós convivermos com o hoje, e no futuro como no passado, principalmente nos últimos 500 anos!

- **O senhor acredita que as relações internacionais, em geral, e ligadas à preservação do patrimônio, em particular, mudarão em um mundo pós-pandemia? Claro, não é um exercício de futurologia, mas pode um historiador, acostumado a estudar mudanças e permanências, ser capaz de prospectar o que nos espera no futuro?**

Eu pareço minoria aqui, já que os historiadores a quem respeito estão dizendo que uma história futura do mundo será dividida em 2 períodos, a.C. (antes de Corona) e d.C. (depois de Corona). Coloco mais ênfase na continuidade. Em alguns aspectos, o mundo se recuperará em um período bastante curto, de 5 a 10 anos. Os museus serão reabertos, como restaurantes, bares e universidades, enfim, a vida das pessoas, embora a organização de seus espaços seja modificada. Em outros aspectos, haverá mudanças estruturais. Penso que, por exemplo, as companhias aéreas reduzirão radicalmente seu tamanho, porque, neste caso, o fechamento de curto prazo coincide com uma reação de longo prazo contra as viagens aéreas, devido à ameaça do aquecimento global. Devo acrescentar que, na perspectiva de longo prazo, considerando as pandemias, a crise deste ano é leve. 50 milhões de pessoas morreram em todo o mundo na pandemia da gripe espanhola em 1918. 50 milhões de pessoas morreram na Europa e no Oriente Médio em 1349, quando a população mundial era muito menor (60% dos europeus morreram em pouco mais de um ano). Agora ISSO é o que chamo de crise!

- **A propósito, o que pensa sobre onda iconoclasta de destruição de monumentos ligada ao chamado lado sombrio do passado?**

Sobre as estátuas. 1) Em alguns casos, principalmente os de ditadores que tiveram estátuas erguidas (Stalin, Franco, Saddam ...), estou feliz com sua remoção. 2) Em outros casos, onde um

grupo no passado queria homenagear alguém, geralmente sou a favor de mantê-las. Eles são uma expressão das memórias de uma comunidade, por exemplo, os separatistas do Rio Grande do Sul cujas estátuas, se bem me lembro, ainda são destaque nas ruas de Porto Alegre! Se uma determinada estátua é genuinamente ofensiva para um grupo em particular, ela pode ser colocada em um museu ou, melhor ainda, ter uma segunda inscrição acrescentada a ela. Deixe-me te contar uma história. Depois que os britânicos derrotaram os rebeldes no que era conhecido na época como “motim indiano”, eles ergueram um monumento em Délhi para a memória dos soldados que haviam lutado no lado britânico. Depois de 1947, com a independência da Índia, seria possível pensar que o monumento teria sido demolido, ou pelo menos removido para um ‘parque de estátua’, como aconteceu com muitas estátuas da rainha Vitória. Mas o governo indiano simplesmente adicionou uma segunda inscrição para incluir o outro lado, que os descreve como ‘mártires’ na luta pela independência! Essa maneira de reconciliar conflitos merece ser lembrada, de fato tomada como exemplo a seguir em outros lugares.